

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e de Língua Estrangeira (Espanhol) no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Fernanda Miranda Menéndez, Professora Auxiliar do Departamento de Linguística e do Professor Doutor Gustavo Rubim, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores do *Departamento de Lengua Castellana y Literatura* do Instituto Espanhol Giner de Los Ríos de Lisboa, em particular à Professora Maria Luisa Ayala Egea e à orientadora da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, Maria Manuel Moura Martins, cujas orientações e apoio, ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionado, foi essencial para que o ano lectivo de 2009/2010 se assumisse como uma etapa de extraordinário crescimento profissional e pessoal.

Aos meus orientadores da Faculdade, a Professora Doutora Fernanda Miranda Menéndez e o Professor Doutor Gustavo Rubim pelo acompanhamento do estágio e trabalho desenvolvido.

Às minhas colegas de estágio, Patricia Neves e Cristina Raminhos, cuja presença proporcionou a possibilidade da troca de ideias para uma aprendizagem muito mais enriquecedora e agradável.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis, estando sempre ao meu lado.

## **RESUMO**

## **ABSTRACT**

### **O ENSINO DA LITERATURA NA ESCOLA**

### **THE TEACHING OF LITERATURE IN THE SCHOOL**

**TATIANA VERDES**

**PALAVRAS-CHAVE:** Observação, literatura, motivação, competências.

**KEYWORDS:** Observation, literature, motivation, skills.

O presente relatório pretende descrever todo o trabalho realizado pela professora estagiária no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, realizada no Instituto Espanhol Giner de los Ríos e na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, no ano lectivo de 2009/2010. O relato e a reflexão centrar-se-ão na observação de dois níveis de ensino: em Espanhol o 1ºESO; em Português, o décimo segundo ano. Para além do tema abordado – O Ensino da Literatura na Escola – ser o ponto de partida para a reflexão da PES, outros pontos, como a avaliação, o comportamento e a motivação serão abordados.

This report intends to describe all the work conducted by the trainee teacher in the Spanish School of Lisbon and in the Secondary School Fernão Mendes Pinto, throughout the school year 2009/2010. One of its aims is to analyze some questions raised by the observation of Spanish and Portuguese. My choice of topic – The Teaching of Literature in the School – serves as a starting point for critical reflection about my traineeship, but I also devote my attention to the other areas, like de evaluation, behavior, and motivation.

## ÍNDICE

Introdução.....	7
Capítulo I – Instituto Español Giner de los Ríos.....	8
I.1. Porquê Instituto Español Giner de los Ríos?.....	8
I.2. Instituto Español Giner de los Ríos.....	9
I.3. Diferença entre o ensino português e espanhol.....	13
Capítulo II: Estágio de Espanhol .....	14
II.1. O início do ano lectivo .....	14
II.2. Aulas que observei.....	16
II.2.1. Aulas de Maria Luísa Ayala Egea.....	17
II.2.2. Aulas de Tania Martínez.....	18
II.2.3. Aulas de Patrícia Neves.....	20
II.3. Os Alunos.....	20
II.4. Tutoria.....	21
II.5. Conclusões.....	22
II.6: As aulas leccionadas.....	22
II.6.1. As turmas.....	23
II.6.2. Método de trabalho.....	24
II.6.3. Materiais.....	24
II.6.4. A Planificação.....	25
II.6.5. O ensino da literatura na escola.....	25
II.7. Conclusão.....	28
Capítulo III: Escola Secundária Fernão Mendes Pinto.....	29
III.1 Escolha da Escola Fernão Mendes Pinto.....	29
III.2. A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto.....	29

Capítulo IV: Estágio em Português.....	31
IV.1. O início do ano lectivo.....	31
IV.2. As aulas observadas.....	32
IV.3. A turma 12º5: caracterização.....	34
IV.4. A turma 12º3.....	35
IV.5. A execução das actividades lectivas.....	36
IV.5.1. A Planificação.....	36
IV.5.2. Materiais.....	37
IV.5.3. O ensino da literatura.....	37
IV.6. Os trabalhos de casa.....	39
IV.7. A reunião semanal.....	39
IV.8. Visitas de Estudo.....	40
IV.9. Projecto Comenius: A Europa na Escola.....	40
IV.10. Reuniões.....	42
IV. 11. Formação contínua.....	43
Capítulo V: Ensino de Literatura na Escola.....	44
V.1. Perspectivas e práticas diferenciadas.....	44
Conclusão.....	47
Bibliografia .....	49
Anexo 1.....	i
Anexo 2 .....	iv
Anexo 3.....	vii
Anexo 4.....	viii

## **Introdução**

O presente relatório tem como principal objectivo dar conta das minhas experiências como estagiária e das respectivas actividades realizadas ao longo do ano lectivo de 2009/2010. Pretendo relatar as reflexões e as aprendizagens no decurso da minha Prática de Ensino Supervisionada, que teve lugar, ao longo do ano lectivo de 2009/2010, no Instituto Espanhol Giner de los Ríos e na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto.

O meu estágio nas duas instituições esteve subordinado ao tema “Ensino da Literatura”, escolhido para encaminhar alguma investigação, não restringindo, no entanto, a necessidade de reflectir sobre distintas temáticas surgidas ao longo do estágio.

Procurarei dar conta da minha experiência como estagiária e das actividades desenvolvidas ao longo do ano lectivo. Assisti às aulas das turmas das minhas duas orientadoras, Maria Luisa Ayala Egea e Maria Manuel Mourato Martins, assim como às aulas das minhas colegas de estágio, Patricia Neves e Cristina Raminhos.

Além de relatar a minha experiência enquanto professora estagiária, pretendo, ao longo do relatório, apresentar as minhas reflexões acerca das aulas observadas e das actividades em que estive envolvida, bem como proceder à análise das minhas decisões tomadas sobre as aulas leccionadas.

## **Capítulo I: O Instituto Espanhol Giner de los Ríos**

### **I.1. Porquê Instituto Español Giner de los Ríos?**

A minha escolha do Instituto Español Giner de los Ríos teve como base o facto de, nessa instituição, os estudantes tanto serem representados por portugueses como por espanhóis, uma vez que na maioria dos casos os alunos têm ascendentes espanhóis (sendo pelo menos um dos parentes espanhol). Na minha opinião, desenvolver um trabalho no âmbito do ensino da Língua espanhola, num local onde praticamente só se fala essa língua (estrangeira para mim), seria uma mais valia, essencial para ampliar e aprofundar as minhas competências, tanto a nível da oralidade como da escrita, contribuindo, assim, de forma positiva, para a minha formação, estimulando o gosto pela prática do ensino e da língua. Além disso, as boas referências acerca do ambiente de trabalho e do ensino efectuado nesta instituição, cativaram o meu interesse. Realço, de igual modo, o facto de o estágio, no Instituto Espanhol, ter sido realizado por seis estagiários, que interagiram e se entreajudaram, contribuindo para um melhor desempenho, tanto a nível profissional como pessoal.

Ao questionar-me sobre o motivo pelo qual escolhi o Instituto Español Giner de los Ríos, para desenvolver o meu trabalho, devo confessar que, inicialmente, me deparei com uma dificuldade: os meus futuros alunos possuíam um elevado conhecimento da língua espanhola, o que me deixou um pouco insegura. Todavia, encarei este facto como um duplo desafio, uma barreira a transpor: por um lado, uma população maioritariamente espanhola; por outro, o início das minhas actividades lectivas. Em relação ao ensino da Língua espanhola, todos os docentes desta disciplina eram falantes nativos desta língua, o que seria fundamental para que eu própria pudesse melhorar e aprofundar os meus conhecimentos no seu domínio. Além disso, o facto de ter a possibilidade de leccionar do sétimo ao décimo segundo anos, garantir-me-ia uma experiência diversificada que dificilmente encontraria noutras instituições, públicas ou privadas. De igual forma, tive conhecimento, através de estagiários que realizaram no ano lectivo transacto (2008/2009) o seu estágio no Instituto Espanhol, que a prática de ensino nesta instituição em muito contribuiu, de forma positiva, para a sua realização profissional e pessoal.

O facto de ser uma instituição cuja língua oficial é o Espanhol e o corpo docente ser composto basicamente por docentes nativos, ainda mais me aguçou o interesse, fazendo desta realidade uma janela para um mundo diferente daquele a que estava habituada e com o qual teria de aprender a lidar e a enfrentar.

## **I.2. Instituto Español “Giner de los Ríos”**

O Instituto Espanhol Giner de los Ríos foi criado a 12 de Dezembro de 1932, sob proposta do Ministério do Estado. Em 1933, é concedido ao instituto a denominação de “Hermenegildo Giner de los Ríos”, de acordo com os desejos dos espanhóis residentes na cidade de Lisboa, as entidades nacionais mais representativas e a proposta da Embaixada de Espanha. No final dos anos 1936/36 dá-se a unificação entre a direcção do Instituto e das Escolas de Ensino Primário, que estavam a funcionar já anteriormente. Após ter alcançado um certo protagonismo na sociedade portuguesa, o Instituto atravessa uma crise grave e em 1953/54 anuncia o seu encerramento.

Apesar das dificuldades sentidas, durante vários anos o Instituto funciona na Rua Actor Tasso. Em 1975/76 o Instituto passa a funcionar na Rua Direita do Dafundo, nº 40, no palácio “Quinta de São João do Rio”, monumento histórico artístico português, onde se mantém até este momento.

Em 1993 é construído um novo edifício, actualmente intitulado o *Edificio novo*. Da mesma forma que sucedeu em 1999/2000, verifica-se uma remodelação dos pátios e diversos espaços do local, de forma a melhorar as instalações para que os alunos pudessem ter as melhores condições de ensino.

Desde a sua fundação, o Instituto Espanhol “Giner de los Ríos” dispõe de uma Biblioteca muito diversificada e rica que foi enriquecendo ao longo dos tempos com importantes donativos privados, entre os quais se encontra o livro mais antigo, impresso em 1789 - trata-se de um Dicionário de Português. A Biblioteca pode ser dividida em três secções distintas: a Biblioteca Ángel Campos Pámpano, em honra do falecido Director da Instituição, destinada essencialmente aos estudantes de *Bachillerato* e *Secundário*; A Biblioteca Infantil e a Biblioteca da Primária. No total, a Biblioteca do Instituto Espanhol dispõe cerca de trinta e dois mil volumes de livros.

No Instituto Espanhol existem os quatro níveis de ensino: *Educación Infantil*, *Educación Primaria*, *Educación Secundária* e o *Bachillerato*. É visível uma grande diferença entre esta instituição e as outras instituições de ensino existentes em Espanha, que, à semelhança do que acontece em Portugal, se caracterizam pela divisão dos níveis escolares em instalações diversas. Ao invés, neste Instituto decorrem os quatro níveis de ensino possíveis, não universitários.

Uma grande importância é dada, de igual forma, ao ensino do Português no Instituto. Por esse facto existem numerosas e importantes obras em português presentes na Biblioteca e o Instituto conta com professores de Português com personalidades reconhecidas, como é o caso do ilustre historiador de Literatura que é Fidelino Figueiredo, que foi professor no Instituto. No Plano de Estudos é incluída a disciplina de Língua e Literatura Portuguesa, leccionada sempre por um professor nativo desta língua.

De todos os professores, que constituem o corpo docente do Instituto, a maioria é de nacionalidade espanhola, sendo poucos de nacionalidade portuguesa. No ano de 2009/2010, o núcleo total dos estudantes, nos quatro níveis de ensino, foi constituído por 1057 alunos. No que diz respeito à admissão de alunos na instituição, o Instituto Espanhol dá prioridade aos alunos espanhóis. No entanto, os alunos de nacionalidade portuguesa também são admitidos, desde que consigam superar o exame de língua castelhana, elaborado no *Departamento de Lengua y Literatura Castellana*.

O ano lectivo de 2009/2010 teve início a sete de Setembro e acabou a vinte e três de Junho. O calendário dessa instituição distingue-se um pouco do calendário escolar português devido ao facto de serem assinalados não somente os feriados nacionais portugueses, mas também os espanhóis.

As aulas têm a duração de 55 minutos, decorrendo durante todo o dia, excepto às 11:00 horas, aquando do intervalo, com a duração de trinta minutos, bem como a hora dedicada ao almoço.

Existem algumas diferenças entre o sistema português e o espanhol no que diz respeito ao horário. Enquanto o horário dos alunos de *Secundario* e *Bachillerato* se baliza entre as 8:20h e 16:10h, as aulas dos alunos do ensino *Infantil* e *Primario*, como são mais novos, tem lugar entre as 8:30 e 16:00 horas. Além disso, o Instituto Espanhol oferece actividades extracurriculares, onde os pais podem inscrever os seus educandos

de forma a ocupar o resto da tarde. Essas actividades são da responsabilidade da *Asociación de Padres de Alumnos*. Estão disponíveis actividades como: Coro do Instituto Espanhol Giner de los Ríos, teatro, aulas de dança e actividades desportivas.

As classificações no Instituto Espanhol situam-se entre 0 a 10 valores, de acordo com o sistema espanhol.

A instituição também dispõe de serviço de transporte de alunos, cuja finalidade é tornar mais fácil o acesso ao Instituto. Todos os alunos têm a possibilidade usufruir desse serviço, tendo, no entanto, prioridade os alunos de *Educación Infantil e Primaria*. No ano de 2009/2010 o instituto dispunha de três autocarros ao serviço dos seus alunos.

O Instituto Espanhol Giner de los Ríos é constituído por três edifícios principais: o edifício nobre e os denominados de primária e secundário. No edifício nobre, o mais antigo da instituição - o Palácio Quinta S. João do Rio - construído na segunda metade do séc. XVII, situam-se os serviços administrativos do Instituto: a Sala de Direcções, o Salão Nobre, O Vice-Presidente. O Salão Nobre foi mandado construir pelo Marquês de Pombal, no séc. XVIII. Nos dias de hoje o Salão Nobre é utilizado para receber distintas personalidades reconhecidas ou os pais dos alunos que participam nos grandes acontecimentos e festas organizadas pelo Instituto Espanhol Giner de los Ríos. Além disso, também neste edifício se localiza a *Asociación de Padres de Alumnos*, cujo objectivo é organizar actividades extra-curriculares, como foi dito anteriormente.

De igual forma, o Instituto dispõe de um Salão de Actos, utilizado para as inaugurações oficiais do curso, conferências, teatro e diversas festas que o Instituto organiza. Entre os dois edifícios podemos encontrar ainda um pátio, assim como um pátio de jogos para os alunos de educação infantil. O Instituto Espanhol *Giner de los Ríos* engloba a totalidade da educação: desde a educação infantil até ao secundário. O Edifício de Primária, que inclui as aulas dos alunos da *Educación Infantil e Primaria*, conta com várias instalações como: sala de professores, repografia, enfermaria, Biblioteca, Café, sala de Informática, além das salas de aula. No edifício da *Secundaria*, onde se incluem as aulas de *Educación Secundaria e Bachillerato* encontram-se: a sala de professores, sala de Informática, sala de Tecnologia, sala de Desenho, Laboratório de Biologia e laboratório de Física e Química.

A sala de professores, situada no Edifício de Secundária, é uma sala ampla, muito agradável e luminosa. Dispõe de cacifos para cada professor e armários

destinados a cada Departamento. Aí, podemos ainda contar com duas salas pequenas: *Sala de Edición y Gestión*, onde os professores têm a possibilidade de trabalhar com um dos computadores e a *Repografia*, onde está disponível uma fotocopiadora.

Todos os dias da semana são colocados, na sala de professores, três jornais, dois espanhóis (*El Mundo, El País*) e um português (*Diário de Notícias*), que permite aos professores estarem informados.

Existem, no Instituto Espanhol, dois campos desportivos ao ar livre e um pavilhão para a disciplina de Educação Física.

A instituição possui duas cantinas com capacidade para 550 alunos e um bar. Ambos os serviços se localizam no Edifício da Primaria. Os estudantes têm a possibilidade de almoçar no Instituto, através de um pagamento mensal ou trimestral, ou trazer o almoço de casa, cobrando-se apenas a taxa de utilização do local.

O controlo da assiduidade é feito electronicamente, através da utilização de um aparelho denominado entre o núcleo escolar como “Tamagoshi”, que permite um controlo mais rápido e eficaz das faltas dos alunos. Os pais podem ter informações e controlar a assiduidade e o aproveitamento dos filhos, acedendo à página electrónica do Instituto. Para isso, é-lhes fornecida uma palavra passe pelos serviços administrativos quando requisitado.

### **I.3. Diferenças entre o ensino português e espanhol**

Um dos pontos em que a educação em Portugal e em Espanha diverge é que, até ao momento, em Espanha, a educação obrigatória é até ao décimo ano, sendo que em Portugal é até ao nono. É enumerada de forma distinta o ensino:

1. EI: Educação infantil (3, 4, 5 anos) correspondente à mesma situação em Portugal;
2. EP: Educação Primária (1º - 6º ano), correspondente ao 1º Ciclo do Ensino Básico e um ano do 2º Ciclo do Ensino Básico em Portugal (6 – 11 anos);
3. ESO: Educação Secundária Obrigatória (1º - 4º ano), correspondendo aos 7º - 10º ano em Portugal (12- 15 anos);
4. BACHILERATO: é dividido em 1º e 2º, que corresponde ao 11º e 12º anos no caso do ensino português.

Relativamente ao EP e ESO, os anos de escolaridade apresentam-se de forma similar no que concerne aos dois países. Esta situação gerou alguma confusão, tendo a minha orientadora esclarecido que para os diferenciar, a pessoa deveria afirmar não só o ano a que pertence mas inclusivamente o tipo de ensino.

Outro ponto distinto entre os dois ensinios está presente no Ensino Secundário. Enquanto o sistema português impõe ao aluno, no final do 9º ano, a escolha de uma área de estudos, o sistema de ensino espanhol adia esta decisão para o final do 10º ano. Desta forma, os alunos dispõem de mais tempo para uma reflexão mais aprofundada e precisa sobre vários temas e sobre o essencial que deverá orientar a sua vida, tendo em vista as suas competências e aptidões, uma vez que um aluno com a idade de 16 anos tem mais maturidade e capacidade de distinguir o que lhe interessa e o que é realmente importante para ele do que um aluno de 14, 15 anos.

## Capítulo II: Estágio de Espanhol

### II.1. O início do ano lectivo

Após uma única cadeira de “Didáctica e Metodologia do Ensino de Espanhol I”, cheguei ao estágio de Espanhol. A parte teórica estava ainda muito presente na memória, mas pôr em prática o conhecimento adquirido seria um grande desafio, pois seria necessário aplicar os conhecimentos teóricos à realidade em situação de aula.

Tive a oportunidade de ter um ano de experiência ao leccionar Espanhol numa escola pública portuguesa, no ano anterior ao estágio, mas obviamente que a leccionação a alunos de nacionalidade espanhola, no Instituto Espanhol, seria bem diferente daquela feita a alunos portugueses que aprendem uma língua estrangeira que não dominam. Na instituição onde leccionei, escola portuguesa, com alunos da mesma nacionalidade, o ensino da língua espanhola era do primeiro nível, ao passo que durante o estágio no Instituto Espanhol Giner de los Ríos, tal não se verificaria.

No início do ano lectivo teve lugar o contacto formal entre as duas instituições, isto é, entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o Instituto Espanhol Giner de los Ríos, tendo como objectivo a integração dos estagiários na instituição. Foi marcada uma reunião entre os seis estagiários, o Director do Instituto, Don Albino Rubio Alija e *Jefe de Departamento de Lengua Castellana e Literatura*, a Professora Margarita Méndez Martínez. No entanto, a reunião foi alterada para o dia 15 de Outubro, pelas 10:00 horas, uma vez que a Coordenadora do Departamento estava ausente na altura. Fomos recebidos pelo Director da instituição, dando-nos as boas-vindas ao Instituto Espanhol e familiarizando-nos com o ambiente. Foi-nos dito que, no ano anterior, o Instituto recebera pela primeira vez estagiários da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e que correu da melhor forma possível, o que nos motivou bastante. No dia 15 de Outubro foi realizada uma reunião onde o grupo de estagiários foi muito bem recebido e, conseqüentemente, foi-nos dito que o departamento onde seríamos integrados era constituído por quatro professores que seriam os orientadores do núcleo de estagiários: Maria de Carmen Rojas Gordillo, Margarita Méndez Martínez, Pedro Barco Corbacho e Maria Luisa Ayala Egea. Foram ainda discutidos vários aspectos como a duração e funcionamento do processo de aulas assistidas serem mais tardias, o que impunha um adiamento da data de conclusão de

estágio de modo a cumprir as exigências impostas pelo Regulamento Interno dos Mestrados em Ensino da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa. Foi-nos proporcionada uma completa liberdade para escolhermos nós próprios os orientadores e de acordo com a compatibilidade do horário, pois, a esta data, já todos tínhamos o horário das outras instituições onde realizaríamos o estágio. Verificou-se que o número de estagiários não concidia com o número de orientadores de estágio; dois professores ficaram nomeados com dois estagiários cada um, e os restantes com um único. Assim sendo, Maria Luisa Ayala Egea foi nomeada como minha orientadora e da minha colega, Patricia Neves.

Enquanto estagiárias, nós teríamos que leccionar Espanhol a duas turmas distintas. As turmas escolhidas foram duas turmas do 1º ESO (7º ano), não só pelo horário, mas também pelo facto de serem turmas do mesmo nível teórico; deste modo, teríamos a oportunidade de analisá-las e realizar um estudo comparativo. Maria Luisa Ayala Egea, além de ser professora de Lengua *Castellana y Literatura*, era a Directora de Turma de uma delas, o que nos concedia melhor conhecimento acerca da turma.

Ficou combinado que nós, as estagiárias, iríamos apenas ambientar-nos e conhecer melhor os alunos e só quando nos sentissemos bem preparadas é que iríamos leccionar. A este propósito foi-nos proporcionada liberdade de escolha das datas, sem ser estabelecida nenhuma data limite.

De realçar que os restantes professores do Departamento e os funcionários reagiram sempre de forma muito positiva, sempre dispostos a ajudar e a apoiar quando fosse preciso. Vários professores mostraram-se interessados em conhecer o funcionamento dos estágios na área do ensino em Portugal, uma vez que em Espanha é bastante diferente.

## II.2. Aulas observadas

Posso afirmar, com toda a certeza, que o facto de ter escolhido o Instituto Espanhol *Giner de los Ríos* como instituição para realizar o meu estágio foi muito gratificante e enriquecedor. O facto de ter assistido a várias aulas, contribuiu claramente para o desenvolvimento das competências a nível de conhecimento da própria língua espanhola, assim como me proporcionou uma grande oportunidade de reunir todo um conhecimento que foi muito útil nas minhas aulas leccionadas.

O enriquecimento a nível de conhecimento mais aprofundado da língua espanhola foi visível a partir do momento em que entrei para o Instituto, já que estava integrada num ambiente rodeado de falantes dessa língua, contributo importante e essencial para o desenvolvimento da mesma. Acrescido a este facto, o leccionar dentro da sala de aula mais aumentou esta competência, ideal no domínio de qualquer língua estrangeira. Assim, integrei-me plenamente, tendo-me sentido como se estivesse no país onde se fala essa língua.

É muito importante e fundamental assistir às aulas das orientadoras, visto que é preciso conhecer os alunos, adaptar-nos a eles, e sentir uma proximidade e uma familiaridade mais estreita. Mas, pelo facto de não termos nenhuma experiência no ensino, sentimo-nos um pouco condicionados e limitados, tentando imitar a forma de dar a aula da orientadora, baseando-nos nela como modelo a seguir. No meu caso, tive a oportunidade de assistir a algumas aulas leccionadas por outra professora, Tania Martinez, nos momentos em que a minha orientadora esteve ausente por motivos de saúde. A professora Maria Luisa Ayala Egea esteve em Espanha durante algumas semanas, devido a uma depressão. Por isso, nós, as estagiárias, não tínhamos a certeza de quem seria o nosso orientador no Instituto Espanhol.

Comecei por assistir, duas vezes por semana, no princípio do mês de Outubro. Devido ao facto de sermos apresentados um pouco mais tarde na instituição relativamente aos nossos colegas nas escolas públicas, tentei, sempre que possível, completar com mais uma aula extra, inclusive para melhor conhecimento dos alunos. Nas aulas que observei, tentei focar-me na forma como a aula era construída, isso é, como era orientada pela professora, porque era importante aprender a planificar as aulas de forma a conseguir, quando tivesse de leccionar, a olhar a aula como “um todo”.

Também observei o modo como a professora dava distintas instruções para a realização de tarefas, a introdução do tópico gramatical ou de aquisição de vocabulário, os rituais de abertura e encerramento da aula. Além disso, concentrei-me bastante no modo como as professoras, individualmente, impunham a disciplina na sala de aula. Também outros aspectos são importantes: os métodos utilizados pela professora, a disposição dos alunos na sala de aula, e como isso se revia no decorrer da aula em si, do papel da professora e dos alunos e os trabalhos realizados.

É importante destacar que os alunos no Instituto Espanhol têm Espanhol todos os dias, sendo cada aula de cinquenta e cinco minutos. Foi combinado que as estagiárias assistiriam às aulas duas vezes por semana. Os alunos no Instituto Espanhol *Giner de los Ríos*, ao contrário dos alunos que aprendem Espanhol nas escolas públicas portuguesas, já conhecem e dominam bem a língua, sendo ela a língua base da instituição. Desta forma, a disciplina incluía tanto a gramática, que é tão estudada nas escolas públicas portuguesas, como a leitura e Literatura.

### **II.2.1. Aulas de Maria Luisa Ayala Egea**

Maria Luisa Ayla Egea é espanhola e já lecciona *Lengua Castellana y Literatura* há vários anos. No ano passado também foi orientadora de estágio e foi com muito gosto que repetiu a experiência.

Posso afirmar que aprendi bastante assistindo a estas aulas. Em primeiro lugar, porque se tratava de uma professora espanhola, o que me permitia aprender correctamente os termos linguísticos necessários no decurso da aula. Para os alunos, é considerada uma professora “rígida”, mas penso que para haver disciplina na sala de aula, o professor precisa de ser exigente e ríspido quando é preciso.

Não acompanhei as aulas todas do 1º ESO, mas assisti a bastantes aulas para verificar como a professora mantinha a disciplina na sala de aula, sempre que se registavam situações ou momentos de alguma indisciplina. No início do ano, registaram-se inúmeros casos de falta de pontualidade por parte dos alunos, justificados por vários motivos: hora do almoço ou porque ficaram retidos por outra professora. Esta situação foi facilmente superada dado que a professora registava de imediato as faltas

dos alunos infractores e, mesmo perante as variadas justificações apresentadas, nunca lhes foi retirada a respectiva falta. Esta firmeza contribuiu rapidamente para colmatar os atrasos verificados nas primeiras aulas. Apesar deste problema se ter solucionado, mantinha-se o problema do ruído constante na sala de aula, provocado pela frequente conversa, própria de adolescentes desta faixa etária (cerca de doze, treze anos). A professora tinha como resolução do problema, as mudanças de lugar dos alunos. É de destacar, neste caso, que na turma A as mudanças de lugares teve efeito e os alunos tomaram consciência e mudaram de atitude, enquanto na turma B não teve efeito algum; os alunos continuavam a perturbar a aula. Assim sendo, e depois de mais algumas tentativas de mudança de lugares sem resolução do problema, a professora recorreu a outra estratégia: chamava a atenção duas vezes, ao aluno, e à terceira vez era-lhe pedido que abandonasse a sala de aula e que se acalmasse no exterior. Devo notar que esta estratégia conseguiu um efeito espantoso. Os alunos acalmavam-se logo após a primeira chamada de atenção por parte da professora.

De modo frequente, eram feitas fichas de trabalho e em cada aula eram solicitados trabalhos de casa, de modo a controlar se a matéria leccionada na sala de aula tinha sido ou não consolidada. Além disso, era pedido, regularmente, aos alunos, por parte da professora, que escrevessem uma composição acerca do tema referido na sala de aula para ter noção das aptidões dos alunos e para tentar desenvolver as capacidades de escrita.

## **II.2.2. Aulas de Tania Martinez**

Tania Martinez é uma professora de Espanha, que foi enviada para o Instituto Espanhol para substituir a professora Maria Luisa, enquanto esta se ausentava por motivos de saúde.

Notei no princípio das aulas leccionadas pela professora que os alunos mostravam apatia e desinteresse face ao que lhes era apresentado pela professora Tania Martinez, tendo a ideia que não lhe era reconhecido o esforço feito. De forma a ultrapassar a indiferença dos alunos perante as aulas e aos trabalhos exigidos pela professora, pensando que não seriam de forma alguma avaliados, sendo que a professora era Maria Luisa, Tania Martinez recorreu à estratégia de afirmar que ela

própria seria a nova professora, substituindo a anterior, pelo que seria necessário apresentarem uma postura igual àquela que teriam com a professora titular da disciplina. Desta forma, os alunos viram-se obrigados a aceitar o que lhes era imposto e a mudar de comportamento.

De igual forma, se verificou um pequeno conflito relativamente à pontualidade, à assiduidade e ao comportamento menos próprio dentro da sala de aula. No entanto, as estratégias adoptadas para acabar com estes problemas foram distintas comparativamente à outra professora. Relativamente aos atrasos, os alunos não poderiam entrar na sala de aula depois do tempo de tolerância permitido. Em relação ao “ruído”, a professora Tania Martinez, parava a aula e esperava que este acabasse. Eram os próprios alunos que chamavam a atenção aos colegas faladores para alterarem a sua atitude. Observei que se registou uma acentuada evolução na melhoria de comportamento, pois se a princípio se demorava alguns minutos para restabelecer a disciplina na sala de aula, depois de algumas aulas, este problema já não se punha. Foi introduzida uma nova forma de controlar a disciplina, por isso, os alunos demoraram algum tempo a familiarizar-se, mas assim que foi adquirido o método, notou-se uma grande melhoria no comportamento dos alunos. Para isso, muito contribuiu o facto de Tania Martínez repreender os alunos, fazendo-lhes tomar consciência da falta de respeito, não só para com a professora, mas também para com os colegas que participavam activamente na aula, merecendo ser ouvidos e respeitados. Quanto aos métodos utilizados na sala de aula, eram bastante diversificados, o que tornava as aulas muito mais interessantes e motivantes para os alunos.

Verifiquei que, apesar de ser suficientemente rigorosa, a professora Tania Martínez era bastante generosa para com os alunos, proporcionando-lhes, desta forma, um ambiente agradável à aprendizagem. Como afirma Augusto Cury, “Os bons professores falam com a voz, os professores fascinantes falam com os olhos. Os bons professores são didácticos, os professores fascinantes vão além disso. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos” (Cury, 2004:66). É possível conciliar a disciplina com o bom ambiente de trabalho e grande cumplicidade entre os alunos e o professor, presente entre os alunos de 1ºESO e a professora Tania Martinez.

### **II.2.3. Aulas de Patrícia Neves**

Ao chegar o terceiro semestre, a minha colega, Patricia Neves, começou a leccionar as turmas de 1ºESO, uma vez por semana. Enquanto ela deu as aulas pretendidas e necessárias, assisti a todas.

No final de cada aula, Maria Luisa Ayala Egea, a nossa orientadora, tecia os seus comentários acerca da lição e trocávamos impressões em conjunto sobre o que correu bem e de que forma podiam ser melhorados os momentos com alguma tensão dentro da sala de aula.

Desta forma, tive a oportunidade de reparar que, apesar de os alunos estarem muito entusiasmados, cada vez que alguma de nós, neste caso, Patricia Neves, leccionava a aula de Espanhol, o comportamento dos alunos era muito mais relaxado e, por vezes, não participavam na aula. Além disso, observei algumas vezes que quando tinham alguma dúvida, alguns alunos questionavam a professora Maria Luisa presente na sala de aula e não apelavam a Patricia Neves, que estava responsável, nessa altura, pela disciplina.

### **II.3. Os Alunos**

Os alunos no Instituto Espanhol “*Giner de los Ríos*” podem ser divididos em duas categorias: os alunos espanhóis e os portugueses com raízes espanholas e latino-americanas. Tive a oportunidade e a sorte de presenciar, nas turmas a que assisti, não só a nacionalidade espanhola e portuguesa, mas também argentina, o que foi bastante enriquecedor a nível de distinção da pronúncia.

Ambas as turmas eram do nível 1º ESO (7º ano) sendo bastante numerosas, com cerca de 24 alunos cada, como todas as turmas do Instituto. As turmas eram bastante homogéneas no que se refere à repartição entre rapazes e raparigas. Mas apesar de tudo, eram distintas no nível de Espanhol. Para poder distingui-las da melhor forma, uma será denominada de turma A, e a segunda de turma B. Enquanto na primeira turma observava que os alunos falavam entre si espanhol, a outra turma preferia falar em

português, actuando da mesma forma, quando se dirigiam a mim, à minha colega ou à própria professora Maria Luisa. A explicação deve-se ao facto de na turma B, os alunos serem maioritariamente portugueses, e na turma A haver uma grande percentagem de espanhóis. Existia uma imposição por parte da maioria face à minoria, tal como afirma Vieira da Silva, “uma minoria define-se sempre em termos de número e de poder, estando este último, de um modo geral, associado à ausência do mesmo”. (Vieira da Silva, 2008:110).

No Programa de Lengua Castellana y Literatura do 1º ESO fazia parte a leitura de um livro, em cada semestre:

1. Semestre – *Tristes Armas*, Marina Mayoral
2. Semestre – *Caperucita en Manhattan*, Carmen Martín Gaité
3. Semestre – *Cuando Hitler robó el conejo rosa*, Judith Kerr

Devo notar, que foi com grande admiração da minha parte que observei que uma grande parte dos alunos cumpria o que lhe era exigido. No entanto, também neste caso notei diferenças entre as duas turmas, sendo que na turma A cerca de 90% do alunos leram os livros exigidos, enquanto na turma B a percentagem era mais baixa.

## **II.4. Tutoria**

A turma de 1º ESO tem várias disciplinas no ano lectivo de 2009/2010, entre as quais a cadeira de *Lengua Castellana y Literatura*. Esta disciplina é leccionada diariamente pela Professora Maria Luisa Ayala Egea, sendo que a aula de Quarta-Feira era considerada de *tutoría*. Na função de tutora da turma, isto é, de directora da turma, a Professora Maria Luisa debatia os distintos problemas persistentes na turma com os alunos a fim de resolver as questões necessárias. Poderiam ser questões relacionadas com o decorrer das aulas, o aproveitamento dos alunos, a disciplina na sala de aula e a assiduidade. De facto, todas as turmas do Instituto Espanhol têm no seu horário um tempo lectivo para o debate de temas relevantes e importantes para a boa gestão da turma.

## **II.5. Conclusões**

O facto de ter observado várias professoras, cada uma com o seu método de leccionar as aulas, foi muito enriquecedor e permitiu-me tirar ideias para as minhas próprias aulas. Além disso, reparei e aprendi a lidar com situações problemáticas na sala de aula de formas muito distintas. Considero que foi uma experiência muito proveitosa e didáctica.

## **II.6: As aulas leccionadas**

Nós, as estagiárias, confrontámo-nos com algumas dificuldades em marcar as nossas aulas assistidas, devido a vários factores: no primeiro semestre, foi-nos impossível concretizar nenhuma aula pelo facto de não conhecermos os alunos devidamente; por termos começado a assistir às aulas bastante mais tarde que os nossos colegas nas escolas públicas. No segundo semestre, deparámo-nos com a ausência da professora Maria Luisa Ayala Egea por tempo indeterminado, sem confirmação de quem nos orientaria no prosseguimento do nosso estágio. A professora só regressou quase no final do segundo semestre, na época de testes e avaliações, o que não nos proporcionou oportunidade de dar as aulas necessárias. Desta forma, só nos foi possível leccionar as nossas aulas assistidas no terceiro semestre.

Após vários meses de observação de aulas e dos alunos, chegou a minha vez de iniciar a leccionação. A professora Maria Luisa sugeriu-me que leccionasse as aulas nos dias de Segunda-Feira à tarde, pelo facto de a outra aula a que costumava assistir ser numa Quinta-Feira de manhã e a esta hora, os alunos, frequentemente, não estarem concentrados na aula devido à hora matinal.

## II.6.1. As turmas

As turmas do 1º ESO que iria leccionar, como já foi referido anteriormente, eram constituídas por muitos alunos, com 24 alunos cada, o que dificultava o controlo da disciplina na sala de aula.

Observei, que tanto numa turma como na outra, existia uma grande cumplicidade entre os alunos e notava-se uma grande amizade e apoio mútuo quando era necessário.

A turma A não apresentava nenhuma dificuldade a nível cognitivo, pelo facto de terem um excelente conhecimento de Espanhol. A turma B, pelo contrário, apresentava grandes dificuldades, até a nível de vocabulário. Observei inúmeras vezes o facto de certos alunos se depararem com obstáculos na compreensão de algum vocabulário suficientemente básico e elementar presente nos textos lidos na aula. Possivelmente esse facto, não lhes facilitava a leitura das obras exigidas pela cadeira *Lengua Castellana e Literatura*.

Apenas um aluno, precisamente um rapaz, era principiante no Instituto Espanhol *Giner de los Ríos* e apresentava resultados muito fracos nas disciplinas efectuadas em Espanhol, sendo que na cadeira de Português conseguia resultados efectivamente muito mais positivos. De facto, existiu a possibilidade do aluno abandonar a instituição no ano seguinte, pois os pais apresentavam algumas dificuldades financeiras e porque o aluno em questão não conseguia manter o mesmo nível que os seus colegas de turma. Mas durante o ano escolar, com o apoio e a sensibilidade dos professores, o estudante conseguiu adaptar-se à nova escola.

Alguns alunos, pelo contrário, tinham conhecimento de Espanhol acima da média. Como era o caso de um aluno da turma B em que os pais eram ambos espanhóis e portanto ele dominava a língua ao nível da língua materna.

No que diz respeito ao gosto pela aprendizagem da língua, a turma B manifestou-se pela negativa. Desde o princípio, houve alunos cuja participação era muito fraca e, quando questionados pela professora, respondiam com receio, talvez devido ao nível base de conhecimento da língua.

De facto, apesar de, teoricamente, os alunos estarem no mesmo nível de escolaridade, existiram enormes diferenças de conhecimento entre eles, sendo que nalguns casos os alunos demonstravam grandes lacunas e noutros casos o nível da língua situava-se acima da média, o que complicava, de certo modo, o decorrer da aula.

### **II.6.2. Método de trabalho**

O facto de leccionar apenas uma aula por semana, de ser exclusivamente de apenas 55 minutos e não leccionar as aulas todas de forma seguida, condicionou bastante as minhas planificações. Deste modo, não tinha a oportunidade de repartir o tema, tendo que formulá-lo de modo a que cada aula fosse única, no sentido de planificação.

### **II.6.3. Materiais**

Nas minhas planificações sempre tentei ser criativa e tornar as aulas interessantes para os alunos e distintas do método utilizado pelas outras professoras, de modo a captar a atenção deles.

Ao início, tive a ideia de usar, como recurso, o manual que servia de base às aulas, pois sendo uma disciplina de *Lengua Castellana y Literatura*, o programa incluía não só gramática mas muitas vezes leituras de textos. No entanto, devido ao facto de a disciplina de Espanhol ser tratada como uma primeira língua na instituição, o manual utilizado nas aulas, *Lengua y Literatura I*, não coincidia com o nível leccionado nas escolas públicas portuguesas. Para o professor, existia ainda um manual de *Propuestas Didácticas*, com orientações e sugestões, para dar as aulas. Além disso, havia ainda três pequenos livros: *Modelo para la evaluación de Diagnóstico*, *Pruebas para contrastar la autoevaluación* e *Tratamiento de la Diversidad*, que incluíam distintos exercícios de vocabulário, de gramática e leitura, para serem efectuados pelos alunos.

#### **II.6.4. A Planificação**

A planificação das aulas que iria leccionar foi muito mais fácil e interessante após os meses em que observei as aulas: a capacidade dos alunos, o decorrer da aula da orientadora, o tempo que os estudantes demoravam a cumprir certas actividades impostas pela professora. Além disso, influenciou também o facto de não haver limitações de Programa. Foi muito agradável preparar aulas de Espanhol para alunos com o nível de língua muito bom, para os quais o decorrer das aulas em espanhol não constituía nenhum desafio.

No princípio foi difícil definir o tempo necessário para certas actividades, sendo que o nível dos alunos era bom.

#### **II.6.5. O ensino da literatura na escola**

A partir de uma dada altura, comecei a leccionar as minhas aulas, sendo que dava a mesma aula às duas turmas, em separado, com o que aqobtive uma vantagem interessante. Partindo da mesma planificação, tinha a oportunidade de ajustar e melhorar a aula que dava em segundo lugar; isto é, o que reparava que não tinha corrido da melhor forma possível na primeira aula, era corrigido na segunda aula. Além disso, era interessante observar como duas turmas, que à partida estão no mesmo nível de ensino, reagiam de forma diferente perante a mesma planificação.

Não tendo tido a oportunidade de recorrer ao manual utilizado pela orientadora, tentei procurar alguns textos que fossem interessantes e motivadores para os estudantes dos 12-13 anos, de forma a cativá-los na aula e torná-los bastante interactivos.

A situação em sala de aula é sempre diversa, uma vez que as turmas são constituídas por alunos diferentes e há sempre a necessidade de nos sabermos adaptar a novas situações, como foi o caso das turmas A e B, que reagiram de forma distinta às actividades propostas.

Uma grande vantagem da utilização de pequenas histórias, neste caso, é o facto de poder ser utilizado com vista do desenvolvimento das seis competências linguísticas

defendidas pelo *Marco Comun europeo de referencia para las lenguas* (compreensão oral, compreensão de leitura, produção escrita, produção oral, interacção e mediação) que serve como suporte para as actividades. Ao longo das minhas aulas leccionadas, desenvolvi actividades que proporcionassem essas competências.

Logo na primeira aula, foi imediatamente possível notar o entusiasmo que os alunos demonstravam perante algo diferente do seu dia-a-dia. Selecionei uma história de Ana Maria Fagundo, com o título de *Las Raras* (as estranhas). O facto de o título ser bastante apelativo, proporcionou a oportunidade de discutir com os alunos as ideias que tinham acerca do que tratava o texto. Esta simples actividade de introdução permitiu aos alunos serem eles próprios a construir a história do seu ponto de vista. Foi agradável ver que os alunos estavam motivados e empenhados em construir e desvendar a história proposta. Após a leitura do texto, foi realizado um pequeno debate com perguntas e opiniões sobre o tema exposto no texto, desenvolvendo, assim, a produção oral dos alunos.

Nem sempre as actividades eleitas pelo professor funcionam, e mesmo que a planificação seja feita muito cuidadosamente, o professor corre o risco de ver os seus objectivos frustrados, dependendo muitas vezes não só do professor mas também dos alunos com quem lida. Apesar de serem turmas do mesmo nível de ensino, observei que existia uma grande diferença na interacção dos alunos, consoante a competência que era desenvolvida na sala de aula. Quanto a competência de produção oral, a turma A demonstrava uma facilidade e um desenvolvimento melhor do que a turma B, sendo que no desenvolvimento da competência de produção escrita, observei o contrário.

Tal como na primeira aula, nas aulas seguintes o material utilizado como base eram pequenos textos, nesse caso de Juan José Millás e Mario Benedetti, na última aula a leccionar. Só que nestes casos, analisando a primeira aula, o meu foco de trabalho com os alunos foram as outras competências a desenvolver.

Na segunda aula leccionada, antes da leitura do texto, foram mostradas aos alunos duas imagens e proposto que eles próprios definissem o conceito por palavras próprias, de modo a observar os conhecimentos e a facilidade de produção oral, pois ao contrário do sucedido na primeira aula, não poderiam basear-se em nada. Foi bastante gratificante notar o esforço dos alunos.

A estratégia por mim escolhida, para que os alunos estivessem sempre concentrados e motivados, foi dividir o texto em pequenas partes, sendo que após a análise de cada parte, era trabalhado com os alunos a gramática, o vocabulário, as expectativas e as opiniões deles sobre a história.

Por fim, foi pedido aos alunos um pequeno texto, respondendo às questões escritas no quadro, a fim de conhecer e observar a escrita dos estudantes, após a leitura da história pretendida.

Notei ao longo das aulas assistidas e leccionadas que, apesar de os alunos apresentarem uma grande facilidade a nível de competências de recepção linguística (*Leer y Escuchar*), no que diz respeito às competências produtivas (*Escribir y Hablar*), existem pequenas imperfeições, resultantes da interferência da língua portuguesa, em alguns casos.

Observei, com muito entusiasmo, que frequentemente os alunos procuravam conhecer melhor a obra dos autores cujas histórias tinham sido lidas na sala de aula, o que permita descobrir coisas por eles mesmos e construir conhecimento a partir da experiência.

O meu relacionamento com os alunos estreitou-se nos momentos das aulas leccionadas, apesar de assistir às aulas desde Outubro, e penso que consegui uma boa relação de trabalho, apesar do desinteresse demonstrado por parte de alguns alunos face a algumas actividades.

## **II.7. Conclusão**

Para mim, o estágio realizado no Instituto Espanhol foi muito positivo e enriquecedor, porque proporcionou-me uma boa preparação para a minha actividade profissional enquanto professora.

Tornou-se muito agradável e expectante ter a oportunidade de realizar a Prática de Ensino Supervisionada no local onde a Língua Espanhola é leccionada e estudada como sendo a língua materna, o que me despertou novos interesses. Além disso, foi muito importante observar e assistir às aulas de vários professores com distintos métodos de interacção com os alunos a fim de lhes proporcionar uma boa aprendizagem.

A troca de ideias com a minha orientadora, com os outros professores da instituição e com a minha colega de estágio, Patricia Neves, foi muito estimulante, tornando-se essencial para o bom resultado do meu estágio.

Espero que toda a aprendizagem feita no ano de estágio me possa ser útil na minha actividade profissional como professora.

## **Capítulo III: Escola Secundária Fernão Mendes Pinto**

### **III.1 Escolha da Escola Fernão Mendes Pinto**

Escolhi esta instituição porque já tinha algum conhecimento acerca dela. Pelo facto de viver na zona de Almada há vários anos, tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas que frequentaram esta instituição. As opiniões eram de uma escola com nível médio, mas tendo um ambiente bastante agradável.

Contribuíram ainda para a minha escolha desta instituição pública o facto de residir nesta área há vários anos, além de não necessitar de muito tempo para me deslocar até ao local onde realizaria o estágio de Português. Seria muito mais fácil e mais prático, sendo que o outro estágio seria realizado em Lisboa, permitindo, deste modo, conciliar da melhor forma os horários. Também foi um factor importante na minha escolha saber que teria uma colega de estágio. Assim sendo, poderíamos apoiar-nos mutuamente nos momentos mais difíceis e tensos.

### **III.2. A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto**

A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto representa uma continuação da Secção de Almada do Liceu D.João de Castro, criada em 1965, a qual viria a dar origem ao Liceu Nacional de Almada, autónomo a partir do ano lectivo de 1972/1973. As instalações situavam-se no centro da cidade de Almada, na Praça S. João Baptista, num espaço bastante amplo, actualmente ocupado pelo Complexo de Fórum Municipal Romeu Correia. Ao longo de muitos anos, por ser Liceu, constituiu a única escolha do concelho a disponibilizar o curso complementar que dava acesso directo às Universidades.

Ainda com a designação de Liceu Nacional de Almada a escola abandonou os pavilhões provisórios em que estivera durante dez anos, mudando-se em Outubro de 1975, para a construção que actualmente ocupa.

No ano lectivo de 1978/1979 este estabelecimento de ensino passou a designar-se por Escola Secundária de Almada, nome que passou ao actual, Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em 1987/1988.

A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto é constituída por três pavilhões teóricos, um pavilhão gimno-desportivo e um pavilhão segmentado em dois, sendo este teórico-prático.

A escola é bastante grande, tendo cerca de 1200 alunos no ano 2009/2010, dos quais 155 são estrangeiros, de diversas nacionalidades.

Esta instituição oferece não unicamente o Ensino Básico e Secundário, mas de igual forma apresenta vários cursos: Cursos Profissionais para titulares de 9º ano de escolaridade, Cursos de Educação e Formação de Adultos, para maiores de dezoito anos. Este cursos, incluídos nas Ofertas de Cursos pela Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, são leccionados no horário pós-laboral.

## **Capítulo IV: Estágio em Português**

### **IV.1. O início do ano lectivo**

Ao final de uma única cadeira de Didáctica e Metodologia de Ensino de Português, estava em pleno confronto com o meu estágio de Português, mas com imensa motivação para pôr em prática o conhecimento adquirido em forma teórica na Faculdade.

O meu primeiro encontro com a orientadora Maria Manuel Mourato Martins, realizou-se no final do mês de Julho de 2009, quando me apresentei na instituição para receber as devidas instruções e informações necessárias acerca do estágio e da escola em si.

A professora anunciou-me que o núcleo de estagiárias neste ano lectivo era constituído por duas pessoas, sendo que a outra colega, Cristina Raminhos, iria realizar, nesta mesma instituição, o estágio de Francês. De igual forma, me foi comunicado que as únicas turmas que a professora iria leccionar no ano 2009/2010 eram duas turmas de 12º ano, portanto isso implicava muito mais trabalho pela parte das estagiárias devido ao facto de ser o último ano de escolaridade e que no final do ano lectivo as turmas seriam sujeitas a Exame Nacional.

No início do ano lectivo, em Setembro, não tivemos a possibilidade de assistir às aulas devido ao facto das turmas serem novas para a própria professora Maria Manuel Martins e de, por isso, necessitar de algum tempo para as conhecer e se ambientar antes de sermos apresentadas.

Numa fase inicial, ficou combinado que nós, as estagiárias, iríamos leccionar unicamente uma turma, pelo facto de serem muito distintas relativamente ao número de alunos, sendo que a turma 12º3 tinha cerca de dezasseis alunos a Português, enquanto que a turma 12º5 incluía vinte e seis alunos a esta disciplina. Além disso, a base de conhecimentos das turmas era distinta, devido ao facto de que no ano 2008/2009 a turma 12º5 ter tido poucas aulas de Português. Mas, após o encontro com o orientador da Faculdade de Ciências Sociais de Humanas, ficou decidido que cada estagiária realizaria o seu próprio estágio em turmas distintas para não haver desordem e que seria o mais justo até para os próprios alunos.

## IV.2. As aulas observadas

A professora Maria Manuel Martins, além de ser professora de Português, também já leccionou Francês durante vários anos. É importante referir que está a leccionar nesta instituição há cerca de vinte anos e foi com muito gosto que tentou transmitir o conhecimento e a experiência de que dispunha às estagiárias.

Assistir às aulas dos orientadores é fundamental para conhecer, da melhor forma, os alunos a quem iremos leccionar. Sendo que nunca leccionei alguma aula de Português, foi muito importante e gratificante assistir às aulas da professora Maria Manuel Martins para aprender como “construir” uma aula desde o princípio ao fim.

O que é ser um bom professor? Tal como afirma Cury, “Os bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, os professores fascinantes também cumprem o conteúdo pragmático, mas o seu objectivo fundamental é ensinar os alunos a serem pescadores e não repetidores de informação”(Cury, 2004:70). Foi essa atitude e esse empenho que presenciei nas aulas da professora. Nas suas aulas, a professora tentou sempre que os alunos não adquirissem somente a informação que lhe é transmitida nos livros ou pela professora, mas que conseguissem pensar e pôr em prática o conhecimento adquirido.

Maria Manuel Martins transmite uma grande determinação quanto aos seus objectivos e impõe o respeito e a disciplina na sala de aula. Claro que, também nesta turma, apesar de ser uma turma de Ensino Secundário, eram visíveis alguns problemas de comportamento e disciplina. No princípio do ano, os atrasos ao primeiro tempo eram muito frequentes. Rapidamente acabaram, quando perceberam que para entrar na sala tinham que esperar que a própria professora abrisse a porta. A orientadora, sendo uma pessoa muito pontual, não tolerava atrasos, sendo que 10 minutos depois do toque da campainha, não permitia aos alunos atrasados a sua entrada na sala.

De igual forma, como nas turmas observadas de 1ºESO em Espanhol, também aqui existia o “ruído de fundo”. Neste caso, a orientadora, para pôr fim a esse problema, confrontava e questionava os alunos conversadores se havia alguma questão acerca da matéria leccionada. Deste modo, intimidava o estudante perante os colegas. Outra forma de finalizar com este tipo de comportamento na sala de aula, era dar a palavra ao aluno

em questão, como forma de responsabilizá-lo. Rapidamente acabou o burburinho presente no início do ano lectivo.

Observei que, frequentemente eram feitas fichas de leitura e era exigido por parte da professora Maria Manuel Martins, composições acerca dos poemas e da obra estudada na sala de aula, que serviam para o controlo em relação à matéria assimilada. Penso que foi extremamente importante esse trabalho, de forma a preparar os estudantes para o Exame Nacional.

A orientadora, sempre que era possível, principalmente na entrega dos testes, recordava aos alunos que a finalidade de todos os trabalhos efectuados tanto na sala de aula como em casa era torná-los independentes e autónomos, pois a principal finalidade do ensino é ajudar os estudantes a tornarem-se independentes e auto-controladores. E esta finalidade, tal como afirma Richard I. Arends, “deriva de duas premissas subjacentes. A primeira, é a perspectiva contemporânea de que o conhecimento não é completamente fixo e transmissível, mas é algo que todos os indivíduos, alunos e adultos, devem construir activamente através de experiências sociais e pessoais. A segunda é a ideia de que a coisa mais importante que todos os alunos devem aprender é *como aprender*”. (Arends, 2008:17).

Muito frequentemente, a professora marcava aos alunos trabalho de casa, por vezes de forma individual ou até em pares.

Apesar de a professora Maria Manuel Martins ser considerada “rígida”, os estudantes dão-lhe valor e reconhecem que é uma boa professora. Trata-se de um exemplo que, apesar de ser exigente para com os alunos, eles próprios apreciam esse facto, tendo noção que é para o bem deles.

Foi muito importante para o bom decorrer da aula e para a melhoria da aprendizagem o facto de haver disciplina, facto que presenciei nas aulas da professora Maria Manuel Martins.

### **IV.3. A turma 12º 5: caracterização**

A turma do 12º 5 pela qual fui responsável durante o meu estágio na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, era uma turma numerosa na qual não havia nenhum aluno novo na instituição, portanto todos estavam ambientados com a escola e com os professores.

Não tive a oportunidade de assistir a todas as aulas dessa turma, apenas cumprindo as exigências impostas pelo Regulamento Interno dos Mestrados em Ensino da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. No entanto, observei bastantes aulas para chegar à conclusão que a turma manifestava bastantes dificuldades na aprendizagem.

No que se refere aos alunos, a turma era formada por vinte e cinco alunos inscritos na disciplina, constituída por dezanove raparigas e seis rapazes entre os dezasseis e vinte anos, e um aluno que estava a assistir frequentemente às aulas, preparando-se para melhoria de nota no final do ano lectivo.

A turma 12º 5 apresentava algumas dificuldades ao nível de aprendizagem, como consequência do facto de no ano anterior, em 2008/2009, ter tido poucas aulas de Português, devido à ausência de professor. Apenas algumas alunas tiveram no horário a cadeira de Literatura como disciplina, o que permitiu adquirir bases e conhecimento que nesse ano lectivo lhes foi bastante útil. Os restantes estudantes da turma demonstram bastantes lacunas tanto a nível de conhecimento de Literatura, como também a nível de gramática.

A turma era bastante problemática, registando-se um caso de abandono escolar na turma. Apesar das várias tentativas por parte do Director de Turma e dos professores ao tentar ajudá-lo e apoiá-lo, o aluno acabou por desistir.

Além disso, uma aluna da turma era de nacionalidade estrangeira e demonstrava diversas dificuldades, não só ao nível de conhecimento da matéria, como também da Língua Portuguesa. Por isso, a professora Maria Manuel Martins disponibilizou-se para dar aulas de apoio às Segundas-Feiras de manhã, antes da aula de Português. A aula extra estava disponível não unicamente para a aluna estrangeira, mas inclusive para a turma inteira. No entanto, apesar de na hora marcada pela orientadora, os alunos não

terem nenhuma aula, não se deslocavam para a sala necessária, revelando, assim, o desinteresse dos alunos face à instituição e ao estudo.

#### **IV.4. A turma 12º3**

Para enriquecer o meu estágio, com o consentimento da professora Maria Manuel Martins, assisti, esporadicamente, às aulas da turma pela qual a minha colega, Cristina Raminhos, era responsável, o que me proporcionou a oportunidade de comparar não somente as turmas, que eram do mesmo nível de ensino, como inclusivamente a própria orientadora.

De facto, sendo uma turma bastante mais pequena, isso reflectia-se no comportamento dos alunos, na disciplina dentro da sala de aula e na organização da mesma. Os próprios alunos dessa turma eram muito mais empenhados e organizados em comparação com a turma 12º5, na qual eu realizava o meu estágio. Mostraram-se sempre dispostos para trabalhar, tanto individualmente, como em pequenos grupos. E isso reflectiu-se nos conhecimentos adquiridos e, conseqüentemente, nos resultados do final do semestre.

Notei que a orientadora tinha uma maior cumplicidade com estes alunos, em comparação com a outra turma, possivelmente devido ao facto de os mesmos mostrarem mais interesse na aprendizagem.

## **IV.5. A execução das actividades lectivas**

### **IV.5.1. A Planificação**

O objectivo do professor não é unicamente a transmissão de conhecimentos; também é importante dar aos alunos as ferramentas necessárias, para que estes se tornem autónomos. Para isto, é importante que o decorrer do ensino seja pensado com vista ao alvo – o aluno.

A planificação é muito importante nas etapas de preparação das aulas. Marcar objectivos consoante o Programa da cadeira, preparar os materiais necessários, construir exercícios e actividades para o bom funcionamento da aula, a contagem do tempo necessário para cada actividade são alguns pontos a ter em conta no processo da planificação das aulas pretendidas. Cada planificação tem que ser precisa quanto aos materiais utilizados na aula, os objectivos, as actividades e o tempo que duram para que o professor possa construir a sua aula de forma coerente. Podem ser distinguidas duas formas de planificação: diária e por unidades. As planificações diárias “esboçam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a ser usadas, os materiais necessários, as actividades e os passos específicos e os processo de avaliação” (Arends, 2008:118), enquanto que a planificação por unidades que é, de muitas formas, mais importante que a planificação diária, é muito mais abrangente, e associa “uma variedade de finalidades, conteúdos e actividades que o professor tem em mente” (Arends,2008:119). Uma correcta planificação deve incluir as quatro competências linguísticas: ouvir, ler, falar e escrever, a partir dos conhecimentos dos alunos, facto que sempre procurei ter em conta nas minhas planificações. Todos os passos da minha planificação foram construídos tendo por base os resultados das observações de aulas, pois a sequência dos distintos momentos da planificação deve conduzir a uma actividade que represente o objectivo da respectiva aula.

É indispensável conhecer a turma e as capacidades da mesma, antes de leccionar. Portanto, após observar várias aulas, foi-me possível planificar, tendo em conta dados concretos relativamente ao ritmo de trabalho dos alunos, as actividades que melhor se adequam à faixa etária dos alunos, entre outros aspectos.

No decorrer da aula, o professor não deve apressar as actividades de forma a conseguir cumprir a planificação feita, pois não é esse o objectivo da mesma, devendo esta funcionar como um instrumento maleável e adaptável às imprevisões no tempo da aula.

Nos casos em que leccionei as aulas, por vezes tornava-se necessário alterar as planificações, era preciso reformular e adaptar as aulas seguintes se nem tudo tinha corrido como estava previsto na planificação efectuada.

### **IV.5.2. Materiais**

Devido ao facto de ser uma turma de 12º ano, que no final do ano lectivo seria submetida ao Exame Nacional, tive como base das aulas leccionadas exclusivamente as obras incluídas no Programa, não tendo muita possibilidade introduzir novos textos. No entanto, tentei ser criativa diversificando nas estratégias, optando por metodologias que melhor se adequassem aos materiais de que dispunha. No caso da turma de 12º5, estava submetida ao manual adoptado, *Interações*.

Para o professor, existia ainda o Caderno de Apoio ao Professor, com sugestões e materiais auxiliares e um pequeno dossiê com transparências que sistematizavam a matéria leccionada, para serem utilizadas na aula, às quais recorri para a preparação das aulas.

Lecionei parte da Sequência 1, “Textos líricos, textos de reflexão, exposição”, leccionando o heterónimo Alberto Caeiro de Fernando Pessoa, e a Sequência 2 “Textos épicos e épico-líricos”, leccionando *Mensagem* e a comparação desta com *Os Lusíadas*.

### **IV.5.3. O ensino da literatura**

Para além dos materiais acima referidos, outras estratégias utilizadas foram o uso das novas tecnologias: audiovisual, no caso do visionamento de um excerto do filme “Quem és tu?” e audição, por vezes, de poemas. Revelou-se bastante importante variar os materiais utilizados e os métodos de trabalho, para cativar os alunos e os

motivar para a aprendizagem da literatura, pois do ponto de vista dos alunos, a literatura é visada como algo obrigatório e não interessante.

Como já foi referido acima, ministrei duas unidades, uma sendo em princípios de Novembro e a outra, mais alargada, em Fevereiro.

A primeira unidade que leccionei, em meados de Novembro, serviu-me para me familiarizar melhor com os alunos e para entender que encaravam a literatura como algo difícil.

Ao longo das aulas tentei diversificar o modo de ensino da literatura, com fichas informativas, discussão das obras em sala de aula, fichas de compreensão de leitura, como se pode consultar em anexo (anexo 1). Além disso, a fim de avaliar a competência da Compreensão Oral, realizei dois testes de compreensão oral, disponíveis em anexo (anexo 2). No entanto, em alguns casos, confrontei-me com alguns obstáculos que dificultam a concretização de práticas desejáveis: “desinteresse por parte dos alunos, indisciplina, excesso numérico de alunos por turma, falta de formação, apetrechamento escolar insuficiente, pressão dos exames finais, vastidão dos conteúdos dos programas” (Seródio, 2002:34).

No que diz respeito ao método utilizado para a leccionação das aulas, optei por recorrer ao método expositivo e comunicativo.

Penso que os debates são importantes e muito produtivos, sendo que ressaltam a importância da pluralidade de interpretações e sugestões. Por isso, no final das minhas aulas leccionadas orientei um debate acerca da matéria dada até ao momento desde o princípio do ano, de modo a avaliar e observar não só o conhecimento dos estudantes, mas também a coerência da fala, a utilização do vocabulário específico, relacionado com o tema em discussão e a linguagem adequada ao contexto da sala de aula (anexo 3). Também para desenvolver nos alunos a competência de *Expressão Oral*. Foi muito gratificante observar que os alunos se mostraram empenhados e motivados pela aula, algo que não é comum no dia-a-dia.

## **IV.6. Os trabalhos de casa**

Sempre que era possível, propunha trabalhos de casa aos alunos. Porque, tal como afirma Arends, “o trabalho de casa é muitas vezes a continuação da prática que deve consistir em actividades que os alunos possam desempenhar com sucesso” (Arends, 2008:302). Desta forma, não só era trabalhada a competência da escrita, como os alunos se preparavam para o Exame Nacional.

No conjunto de aulas que leccionei, procurei sempre incluir o trabalho de casa de forma diversificada: composição acerca da matéria aprendida na sala de aula, fichas baseadas nos poemas estudados, procurar informações sobre o tema que será desenvolvido nas aulas seguintes, de modo a familiarizá-los e a captar e interessar os alunos, pois “o trabalho de casa deve consistir em actividades que os alunos possam desempenhar com sucesso” (Arends, 2008:302).

Para ter noção dos trabalhos feitos ou não pelos alunos no âmbito da avaliação contínua, criei uma folha em que registava posteriormente os factos, que pode ser consultada em anexo (anexo 4). Normalmente, os alunos desde o princípio revelavam se tinham feito ou não o trabalho de casa. No entanto, sempre havia um número limitado de alunos que justificava o facto de não ter o trabalho nesse dia com distintas “explicações”: como esquecer o trabalho em casa; não saber que era para esse dia.

## **IV.7. A reunião semanal**

Todas as semanas, à Segunda-Feira, reunimo-nos com a orientadora durante uma hora e meia para discutirmos as aulas realizadas na semana anterior, as questões que nós, as estagiárias, poderíamos ter e preparar as aulas seguintes.

Tendo por base as observações tomadas pela minha observadora durante as aulas, analisávamos, em conjunto, o que tinha corrido bem e o que tinha corrido menos bem, com o objectivo de melhorar as aulas seguintes. Eram aspectos de vária ordem: a planificação, os métodos utilizados na aula e a postura do professor perante o comportamento dos estudantes.

Além disso, nas reuniões semanais, eram discutidas as diversas metodologias utilizadas pelo professor na sala de aula, os recursos mais adequados para as aulas, dependendo imenso do nível de ensino que o professor lecciona.

Essas reuniões e observações por parte da orientadora, face ao nosso trabalho, foram muito úteis e importantes para a melhoria dos aspectos menos conseguidos na aula. Maria Manuel Martins, o final de todas as nossas aulas, fazia um pequeno comentário de observações.

#### **IV.8. Visitas de Estudo**

No âmbito da disciplina de Português, a turma 12º 5 realizou algumas visitas de estudo no ano lectivo de 2009/2010:

- Museu de Arte Antiga
- Convento de Mafra

#### **IV.9. Projecto Comenius: A Europa na escola**

O Programa Comenius é um projecto financiado pela União Europeia e centra-se a todos os níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário. É importante para todos os envolvidos na educação escolar: o grupo alvo são os estudantes entre 14-19 anos e principalmente professores com ampla experiência na sua disciplina de ensino, mas também às autoridades locais, institutos de formação de professores e universidades.

O Projecto Comenius visa ajudar os estudantes e o pessoal docente a compreender melhor o leque das culturas europeias, línguas e valores. Conhecer melhor tanto o seu próprio país, como outros países que façam parte do projecto. Do mesmo modo, é importante na forma de os jovens adquirirem as habilidades básicas da vida e competências necessárias para o desenvolvimento pessoal e de cidadania activa.

Comenius tem como objectivo:

- Melhorar a mobilidade de alunos e pessoal docente de toda a UE;
- Incentivar os estudantes para a aprendizagem de línguas, melhorar a literacia;
- Melhorar a qualidade e a dimensão europeia da formação de professores;
- Enfrentar as desvantagens sócio-económicas e reduzir o abandono escolar precoce.

A Escola Secundária Fernão Mendes Pinto fez parte no ano 2009/2010 do Projecto Comenius, com duas turmas. Uma do 11º ano e uma do 12º ano, sendo esta última uma das turmas da minha orientadora, Maria Manuel Martins. Por isso, tive a oportunidade de assistir a 19 de Outubro 2009, em conjunto com a outra estagiária presente, a uma video-conferência entre os alunos portugueses da escola e os alunos de outros países que neste ano lectivo fizeram parte do projecto:

- Itália – IIS Edoardo Amaldi, Orbassano;
- Áustria – Polgargymnasium, Wien;
- Hungria – Ady Endre Utcai Altálános Iscola, Budapest;
- Turquia – Haci Malike Mehmet Bileydi Anadolu Lisesi, Antalya.

De 2009 a 2011, o Projecto Comenius tem como tema do programa “Borders” – fronteiras. Na video-conferência a que assisti, em conjunto com a minha colega de estágio, Cristina Raminhos, os alunos tentaram conhecer melhor os estudantes dos vários países da Europa fazendo-lhes perguntas acerca de si próprios e acerca do país em que vivem. No princípio de Novembro, alguns alunos da turma do 12º5, em conjunto com a professora Maria Manuel Martins viajaram para Budapeste durante uma semana, e voltaram com as mais encantadas impressões não somente do país, mas inclusivamente da escola e dos alunos que os receberam.

#### **IV.10. Reuniões**

No âmbito do meu estágio, participei em algumas reuniões.

No caso do estágio de Espanhol realizado no Instituto Espanhol “*Giner de los Ríos*”, dos estagiários não era esperado que houvesse uma maior intervenção no que diz respeito a actividades que envolvessem a Comunidade Escolar, nem a presença nas reuniões de departamento ou de turma, ao contrário do que é comum acontecer nos estágios realizados em escolas portuguesas.

No caso de Português, participei nas reuniões de Departamento de Línguas, onde eram debatidos diversos temas e divulgadas novas ideias. Foram tratados assuntos como: o Projecto Educativo, o Regulamento Interno, propostas de diferentes professores para conseguir maior sucesso escolar. Estavam presentes tanto os professores de Língua Portuguesa, como das outras línguas leccionadas na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto. A troca de ideias foi muito enriquecedora, observando um grande empenho por parte dos professores a fim de ultrapassar os problemas referentes à aprendizagem das línguas estrangeiras.

Além disso, participei nos Conselhos de turma do 12º5, na qual realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada, desta forma tendo conhecimento do aproveitamento dos alunos, das dificuldades que os mesmos apresentaram em algumas disciplinas, dos casos mais problemáticos da turma e das propostas para a melhoria desses problemas.

Também estive presente na reunião de turma intercalar, onde foi debatido o caso do aluno que abandonou a escolaridade pública e as dificuldades apresentadas pela aluna de nacionalidade estrangeira.

#### **IV. 11. Formação contínua**

Tive oportunidade, neste contexto, de participar nos dias cinco e seis de Março de 2010, no *II Foro de Español Internacional en Portugal*. Este foro teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde estiveram presentes professores, especialistas e estudantes de Didáctica do Ensino de Espanhol como língua estrangeira. Foi um encontro muito enriquecedor para troca de ideias acerca da experiência como estagiária e futura professora, tendo a oportunidade de obter distintos conhecimentos acerca dos aspectos fundamentais para a prática lectiva. Foram estudados e trabalhados vários temas como a avaliação da escrita e da oralidade, os materiais audiovisuais utilizados na sala de aula e a gestão do tempo na aula.

O conhecimento de novos manuais, a recolha de alguns materiais dispostos pela editora SGEL, foi muito gratificante.

## **Capítulo V: Ensino de Literatura na Escola**

A escolha da temática do ensino da literatura nas aulas de Espanhol e de Português é fruto do meu interesse pela forma mais adequada de ensino do objecto da literatura, de forma a tornar a matéria interessante e impulsionar a aprendizagem do aluno, promovendo uma abordagem mais positiva, pois, actualmente, os alunos ao chegarem ao ensino médio, apresentam imensas dificuldades na leitura e interpretação de textos.

Para pensarmos no ensino da Literatura na escola, é fundamental esclarecermos, enquanto educadores, os objectivos que permeiam a abordagem da disciplina literária na vida escolar do estudante.

É papel do professor despertar o saber literário dos alunos, tentando estabelecer relações concretas entre leitura e literatura, sendo que o ensino da literatura não precisa de ser algo monótono, sendo possível utilizar vários métodos para tornar a aula de Literatura muito mais animada, dependendo do nível de ensino que está perante o professor.

A literatura necessita de estar associada à aprendizagem do desenvolvimento linguístico, como factor de diversificação e motivação, mas para isso ser fomentado, além do desenvolvimento da competência comunicativa, os textos literários precisam de ser interpretados e discutidos com os alunos e não somente expôr, como nos casos de professores que rejeitam os critérios mais pessoais.

### **V.1. Perspectivas e práticas diferenciadas**

Consoante as estratégias e o método de ensino de literatura na escola, poderão ser distinguidos três tipos de professores: o professor simplificador, o professor esteta e o professor pedagogo.

Na classe dos professores simplificadores existe uma perspectiva desvalorizadora das várias possibilidades do ensino de literatura, o que não poderá ser articulada com o facto de acentuarem fortemente a desmotivação e desinteresse literário

dos alunos. Estes professores, apesar de leccionarem bastante tempo a literatura, não lhe reconhecem uma função educativa. Esta classe de professores é adepta de um cânone fechado, optando por critérios mais conformistas, que resulta das escolhas do grupo disciplinar ou os critérios que estão presentes nos manuais adoptados pelas escolas. Esses professores dão pouca importância às práticas e aos hábitos literários dos alunos, centralizando o seu ensino maioritariamente nas áreas de conhecimento e da aplicação do conhecimento adquirido com objectivos de curto prazo. Há uma resistência à actualização, às recentes teorias que valorizam o papel de leitor.

Concluindo, a perspectiva muito simplificadora desse tipo de professores aproxima-se ao ensino tradicional constituído pelo método expositivo, com a concepção da literatura como algo fixo.

O Professor esteta, por seu lado, valoriza o desenvolvimento da sensibilidade estética e o desenvolvimento do gosto literário dos alunos. Pretende que os alunos reconheçam a importância e o prazer associado à leitura literária. São muito diversificados a nível de metodologias utilizadas e percebem o papel importante da participação do estudante na leitura literária, pois tendo em conta a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, o aluno, após ter realizado um efectivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais sensibilizado para situações que o envolvem e mais preparado para actuar como elemento modificador da sua realidade. Esses professores têm a opinião de que é preciso abrir os horizontes para as obras da literatura universal, ao contrário dos professores simplificadores que se limitam com a única lista de obras obrigatórias.

Por fim, o professor pedagogo é a classe que apresenta maior profissionalismo por parte do docente, encarando a disciplina de Literatura com maior entusiasmo e empenho. “Reconhece o interesse dos alunos pela literatura, cujas potencialidades formativas perfilha no desenvolvimento das competências linguísticas e culturais e na formação dos valores humanos” (Serôdio, 2002: 33). Procura desenvolver a autonomia dos alunos.

É muito visível a diferença entre as três classes, nomeadamente entre a classe de professores simplificadores, como o nome indica e os professores pedagogos, onde existe um forte empenho.

É correcto concluir que a perspectiva e a formação dos professores contribui para as diferentes perspectivas sobre o ensino da literatura e, conseqüentemente, para a aprendizagem dos alunos.

É muito importante ter em conta o trabalho de mediação efectuado pelo professor. Para isso, alguns aspectos que possibilitam melhorar o trabalho em sala de aula: aumentar a abordagem da literatura pelo aluno, propor a análise de textos literários, envolvendo diferentes possibilidades de leitura, em que se entrecruzam as opiniões do professor e do aluno, pois é preciso que este participe na análise dos textos, e não só escrever e memorizar o que o professor dita ou escreve no quadro. Porque qualquer obra literária possibilita distintas observações e o papel do professor é de um mediador na sala de aula. Cabe ao professor orientar o estudante na leitura, deixando-o livre de expor as suas ideias e percepções, mas intervindo sempre que necessário para que estas não se distanciem do texto em questão.

Os estudantes de ensino básico apresentam dificuldades na aprendizagem da literatura, e na aceitação de leitura. Há pouca adesão por parte dos alunos à leitura, recorrendo frequentemente a um simples click na internet, sem necessidade de ler as obras pedidas pela disciplina em questão.

Foi muito importante observar o ensino de literatura em duas instituições tão diferentes. O que foi claro é que os estudantes do Instituto Espanhol *Giner de los Ríos*, tal como em outras instituições espanholas, estão acostumados desde o ensino básico a lerem, sendo, desta forma, implementado o gosto pela literatura desde muito cedo. No ensino português, os estudantes apresentam muitas dificuldades na aprendizagem.

## Conclusão

Terminada a minha Prática de Ensino Supervisionado no Instituto Espanhol *Giner de los Ríos* e na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, posso afirmar com toda a certeza que foi muito enriquecedor e útil ao nível de aprendizagens por elas proporcionadas e que tomei as decisões acertadas em candidatar-me a essas instituições para o meu estágio.

No início do estágio, tive algum receio em estagiar no Instituto Espanhol, pois não era uma instituição acostumada à participação de estagiários e isso poderia interferir no meu percurso. No entanto, finalizado o meu estágio, reconheço que o conhecimento que adquiri e a experiência, foi muito importante para mim, enquanto futura professora de Espanhol como Língua Estrangeira, tanto pelo facto de estar sempre em contacto com professores nativos da língua em questão, que estiveram sempre disponíveis para ajudar-me, no que respeita à prática pedagógica.

A integração foi fácil em ambas as instituições, tanto ao nível dos alunos como com os próprios orientadores, o que me proporcionou a oportunidade de desenvolver um trabalho positivo. Além disso, o grupo de docentes com o qual tive a ocasião de trabalhar, os recursos e condições de trabalho postos à disposição dos professores ajudaram imenso o cumprimento do estágio.

Quanto às aulas que assisti e observei, foram importantes para a minha própria aprendizagem de leccionar, para conhecimento de perspectivas distintas em relação à actividade docente. Foi muito vantajoso observar diferentes níveis de ensino, tendo, deste modo, possibilitado a comparação tanto ao nível de comportamento, como de aprendizagem.

Neste relatório tentei dar a conhecer o processo de ensino-aprendizagem, ponderando sobre a minha prática lectiva.

Além das aulas assistidas e leccionadas, tive a oportunidade de participar em acções de formação, o que me permitiu adquirir novos conhecimentos.

Aprendi que o papel do professor não se limita apenas ao facto de ensinar, mas também ao facto de proporcionar que alunos se tornem cidadãos críticos, o que constitui um espaço de descoberta de si próprios e de construção da sociedade.

## Bibliografía

### Livros e capítulos de livros

AAVV. *Didáctica del Español como Lengua Extranjera*. 1ª edición. Cuadernos del Tiempo Libre, Colección Expolingua.

ARENDS, Richard I. *Aprender a Ensinar*. 7ª edición. Editora McGraw-Hill, Madrid, 2008.

CEIA, Carlos. *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. 6ª edición. Editorial Presença, Lisboa, 2006.

CURY, Augusto. *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. 22.ª reimpressão. Editora Pergaminho, Lisboa, 2008.

DELGADO-MARTINS, Mª Raquel, PEREIRA, Dília R., MATA, Ana I., COSTA, Mª Armada, PRISTA, Luís, DUARTE, Inês. *Para a Didáctica do Português Seis Estudos de Linguística*. Edições Colibri, Lisboa, 1992.

DUARTE, Inês e MORÃO, Paula(org). *Ensino do Português para o Século XXI*. Edições Colibri, 2004.

EGARCIA, Concha Moreno. “Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación. De la Conciencia a la Educación Intercultural” in *Marco Común de Referencia Europeo para el Aprendizaje, la Enseñanza y la Evaluación de Lenguas: propuestas para la enseñanza de ELE(II)*. SGEL, Alcobendas, Madrid, 2005.

FIGUERAS, Neus. “El Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: de la teoría a la práctica” in *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: enseñanza, aprendizaje y evaluación. Propuestas para la enseñanza de ELE(I)*. SGEL, Alcobendas, Madrid, 2005.5-25

PINILLA, Raquel. “El Desarrollo de las Estrategias de Comunicación en los Procesos de Expresión Oral: un recurso para los estudiantes de E/LE” in *El Desarrollo de la expresión oral en el aula E/LE*. SGEL, Alcobendas, Madrid, 2000.

RICHARDS, Jack C. e RODGERS, Theodore S. Enfoques y Métodos en la enseñanza de idiomas. 2ª edição. Cambridge, 2003

ROCHETA, M.Isabel e NEVES, Margarida Braga(org). *Ensino da Literatura: reflexões e propostas a contracorrente*. Edições Cosmos, Lisboa, 1999.

SÁNCHEZ, Aquilino. *La Enseñanza de Idiomas en los Últimos Cien Años: Métodos y Enfoques*. SGEL, Alcobendas, Madrid, 2009.

SERÔDIO, Cristina. "O Ensino da Literatura: Concepções e Práticas" in *Palavras*, número 21, Associação de Professores de Português, 2002, 31-36.

VIEIRA DA SILVA, Maria do Carmo. *Diversidade Cultural na Escola: encontros e desencontros*. Edições Colibri, Lisboa, 2008.

ZABALZA, Miguel A. *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. 6ª edição. Edições ASA, Lisboa, 2001.



**ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO**  
PORTUGUÊS 12º ANO  
ANO LECTIVO 2009/2010

Ficha de trabalho

**“ D. Dinis”**

1. Indica, baseando-te em passagens do poema, as duas facetas do rei D. Dinis postas em evidência.
2. Explicita o sentido da metáfora “*o plantador de naus a haver*” (v.2)
3. Interpreta a segunda estrofe do poema.
4. A figura de D.Dinis posta em relevo em *Mensagem* não é a mesma que em *Os Lusíadas*. Compara-as.

Bom trabalho!

Tatiana Verdes



Ficha de trabalho

**“ D. Fernando”**

1. O poema é um auto-retrato de D. Fernando.

a) Faz o levantamento das marcas do discurso em 1.ª pessoa.

Pronome pessoal: *me, eu, mim*. Determinante possessivo: *minha*,  
formas verbais na 1ª pessoa do singular: *vou, temo*.

b) Agrupa os vocábulos que sublinhaste tendo em conta as classes a  
que pertencem.

2. D. Fernando é retratado como instrumento da vontade de Deus. Sinaliza  
os versos que confirmam isto.

Versos 1-3, 6-7

3. Comenta o valor dos três últimos versos na construção do sentido do  
poema.

Os últimos três versos exprimem a confiança com que o herói se lança na  
acção por se encontrar imbuído de espírito de Deus. Não importa se essa  
acção se concretizará ou não em obra feita, o que interessa é a própria  
acção.

Bom trabalho!

Tatiana Verdes



Ficha de trabalho

**“ O Infante”**

4. Explique o primeiro verso, que enuncia o sopro criador do sonho.
5. Quem é este “*Infante*”?
6. Identifique, com versos ou expressões, o crescimento do Império.
7. Determine o(s) verso(s) que melhor revela(m) que os portugueses foram os escolhidos para a missão das descobertas.

Bom trabalho!

Tatiana Verdes



## Teste de compreensão oral

Ouve atentamente, o poema “Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia”, de Ricardo Reis, e selecciona a resposta correcta.


- 1) O poema faz referência:
  - a) à Guerra dos Cem Anos.
  - b) a uma qualquer guerra na Pérsia.
  - c) à guerra entre romanos e persas em épocas remotas.
- 2) Dois jogadores de xadrez manifestavam:
  - a) indiferença.
  - b) preocupação com a situação.
  - c) revolta perante os incêndios que devastavam a cidade.
- 3) Os homens jogavam:
  - a) com as mulheres.
  - b) no templo.
  - c) à sombra de uma árvore.
- 4) A sua sede era refrescada por:
  - a) água da fonte.
  - b) vinho.
  - c) cerveja.
- 5) Os jogadores encontravam-se:
  - a) perto da cidade, mas longe do seu ruído.
  - b) na cidade, próximo dos ruídos provocados pela guerra.
  - c) na praia.

- 6) Por vezes, os intervenientes no jogo de xadrez:
- a) manifestavam preocupação, mas rapidamente se concentravam na sua actividade.
  - b) levantavam-se preocupados quando ouviam os gritos das mulheres e das filhas.
  - c) sabiam notícias das mulheres através de Mercúrio.
- 7) Para os jogadores, o mais importante era:
- a) defender o rei persa.
  - b) defender o rei do jogo de xadrez.
  - c) defender os familiares que estavam em perigo.
- 8) O sujeito poético defende a filosofia:
- a) epicurista.
  - b) aristotélica.
  - c) platónica.
- 9) O natural impulso dos instintos deverá:
- a) conduzir-nos ao saque de cidades.
  - b) servir para irmos em defesa daqueles que amamos.
  - c) ceder ao inútil gozo.
- 10) O sujeito poético tenta converter-nos à sua filosofia de vida, convidando-nos:
- a) a atingir a fama e a glória.
  - b) a imitar os persas desta história.
  - c) a ir em defesa da pátria.

Tatiana Verdes

1 de Dezembro de 2009



 **ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO**  
**PORTUGUÊS 12º ANO; TURMA: 5**  
**ANO LECTIVO 2009/2010**  
**08-03-2010**

Tendo em conta a informação sobre o debate presente na página 235 do teu manual, prepara-te para um debate a realizar na próxima aula, de acordo com as seguintes linhas orientadoras:

- 1.O que é ser português
- 2.O que significa o mito sebastianista para os portugueses e de que forma isso insere-se na vida quotidiana deles
- 3.A língua é um instrumento de poder e um veículo de transmissão de cultura
- 4.Como na tua própria opinião seria o Quinto Império
- 5.De que modo Fernando Pessoa e Luís de Camões são cantores da pátria: do que foi ou do que poderá vir a ser.

Para isso, lê os textos “Língua e Património” da página 201 e “D’Os *Lusíadas* à *Mensagem*” da página 202 do teu manual.

Tatiana Verdes


**ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO**

Nome/Dia	30/11	19/02	22/02	26/02	5/03
Ana Silva	x	-	v	v	V
Ana Vespasiano	v	v	-	-	V
Ana Nascimento	x	-	x	x	V
André Cebola	v	v	v	v	V
Andreia Nóbrega	v	v	v	v	V
Bruna Ribas	v	v	v	v	V
Carolina Brito	x	x	x	x	-
Duarte Fernandes	x	-	x	x	-
Fabia Araujo	v	v	v	v	V
Filipa Rodrigues	v	v	v	v	V
Ines Rita	x	x	x	x	-
Madalena Rodrigues	v	v	v	v	V
Margarida Pass.	v	v	-	x	V
Mathaeus Ramalho	-	-	x	x	X
Monica Ganhão	v	v	v	v	V
Patrícia Braga	x	x	-	x	x
Paulo Dias	v	v	v	-	V
Pedro Correia	x	x	x	x	X
Rita Barreira	v	v	-	-	V
Roberto Marques	x	x	x	x	V
Tania Santos	-	x	-	X	x